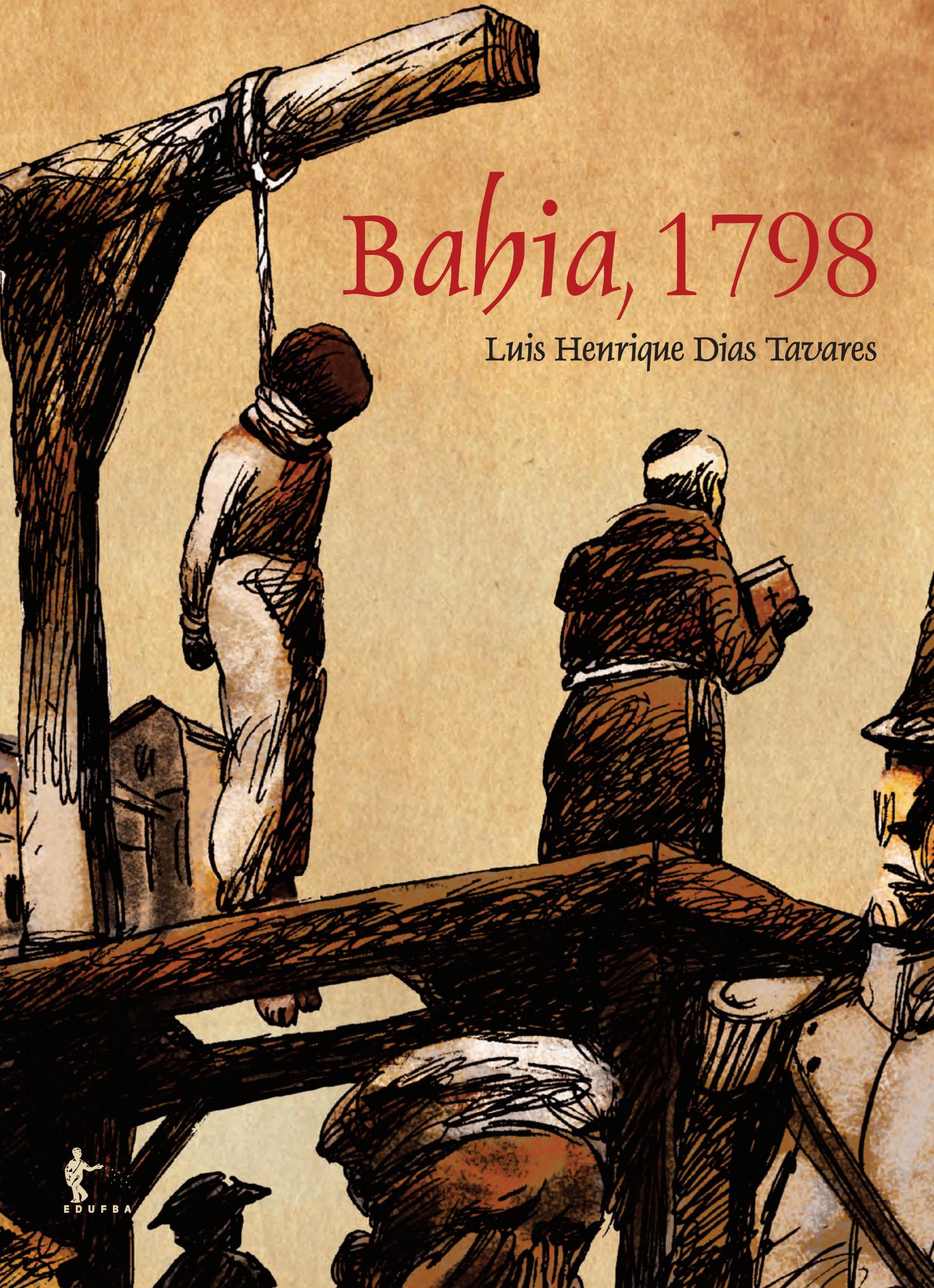


Bahia, 1798

Luis Henrique Dias Tavares



Bahia, 1798

Universidade Federal da Bahia

Reitora

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Luis Henrique Dias Tavares

*Doutor em História por Concurso Público de Provas
Escrita e Oral, com Arquição da Banca Examinadora,
e Pós-Doutorado na London University (1986)
Professor Emérito Da Universidade Federal da Bahia
e Honoris Causa da Universidade do Estado da Bahia*

Bahia, 1798

*Salvador
Edufba
2012*

2010, Luis Henrique Dias Tavares

2ª Edição: 2012

Luis Guilherme Pontes Tavares Produção Editorial

Sérgio Alexandre Pontes Tavares Projeto Gráfico

Raíssa Ribeiro Silva Santos Editoração e Arte final

Cau Gomez Ilustrações (capa e miolo)

Rodrigo Oyarzábal Schlabitx Digitação

Adenor Gondim (foto do autor) e *Cau Gomez* (auto-retrato) Fotografia

Sistema de Bibliotecas - UFBA

T231 Tavares, Luis Henrique Dias.
Bahia, 1798 / Luis Henrique Dias Tavares.- Salvador : EDUFBA, 2012.
41 p. : il.

ISBN 978-85-232-0997-1

1. Bahia. História. I. Título.

CDU – 94(813.8)

Editora filiada à



Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Para Laurita, com amor, como sempre

SUMÁRIO

1. Lucas e Francisca	11
2. O aprendiz de alfaiate Manuel Faustino	14
3. A preparação do levante	17
4. A Delação	19
5. No Campo do Dique do Desterro	23
6. A defesa dos acusados	26
7. As condenações	29
8. O dia das execuções	32
<i>Os Seditiosos</i>	35
<i>Livros e Panfletos</i>	37
<i>A cidade da Conspiração</i>	39
<i>Cronologia</i>	40
<i>Bibliografia</i>	41

O nze escravos, seis soldados da tropa paga, cinco alfaiates, três oficiais militares, dois ourives, um pequeno negociante, um bordador, um pedreiro, um professor, um cirurgião e um carpinteiro. Esses foram os 33 homens processados por terem tentado articular em Salvador um levante contra Portugal nos últimos anos do século XVIII. Centenas de pessoas estavam envolvidas nessa conspiração que recebeu vários nomes: Sedição de 1798, Conjuração Baiana, Revolução dos Alfaiates, Inconfidência Baiana, Levante de 1798, Revolução dos Búzios.

Esse movimento tinha três objetivos fundamentais: libertar a região do domínio português, proclamar uma república federativa e instalar um governo democrático. Fazia pouco tempo que a Revolução Francesa havia acabado com a monarquia. A sua influência atravessara o oceano e atingira terras brasileiras.

De início (1797), os conspiradores eram pessoas bem colocadas na sociedade baiana, descontentes com os pesados impostos cobrados pela metrópole e com a falta de liberdade comercial. Mas a esse grupo inicial logo se juntaram artesãos, soldados e escravos, quase sempre negros e mestiços, gente que sofria discriminação social e racial. Tendo como cenário a Cidade do Salvador à época colonial, com suas ruas, praças e becos, este paradidático vai acompanhar os movimentos e as esperanças desses homens que fizeram parte de um capítulo ainda pouco conhecido e estudado da história de nosso país.

As bases dos fatos aqui narrados são históricas. Tratando-se, porém, de um paradidático, o autor preferiu o texto ficcional.



LUCAS E FRANCISCA

Francisca observava com atenção o rosto do homem que estava ao seu lado. Sentia-se inquieta, pois sabia o suficiente para concluir que aquele jeito paciente, seguido de silêncio interminável, era sinal de preocupação. Francisca, uma escrava que tinha pouco mais de dezesseis anos, já estava com ele fazia quase um ano e entendia bem o significado de certas reações.

– O que é, Dantinhas? Diga alguma coisa, homem.

Lucas Dantas se estirou de lado, procurou a melhor posição e acariciou levemente a cabeça da moça. Logo seria hora de Francisca voltar para casa, antes que sua senhora descobrisse que a melhor engomadeira havia saído escondida e estava bem ali, no sobrado vizinho, deitada com um homem.

– Luís Gonzaga foi preso – disse ele, finalmente. Francisca sentiu os braços formigarem de repente. Esperou um pouco antes de falar, apertando Lucas contra o corpo:

– Quem disse isso?

Lucas continuava com a mão no cabelo da jovem. Apesar do escuro daquele quarto, ela podia ver os olhos do amante vasculhando com atenção os objetos ao redor, como se jamais os tivesse visto antes. Naquele momento,

Francisca pensou que ele não parecia o Lucas que conhecera, o seguro e tranquilo soldado que as pessoas mais próximas chamavam de Dantinhas.

– Um soldado me contou – respondeu Lucas.

– Ele me contou na guarda de São Bento...

Francisca ouviu ao longe, lá fora, os passos de alguém com muita pressa. Na certa algum escravo retardatário procurando retornar para casa antes que seu senhor percebesse que ainda estava na rua.

– E qual a novidade? Ele já não foi preso outras vezes? – perguntou Francisca.

– Como desertor – explicou Lucas. – Agora é bem diferente. Estão achando que ele é o autor daqueles textos espalhados no dia 12. Havia outros suspeitos, até um homem foi preso, mas os boletins continuaram a aparecer... O governador parece estar convencido de que o autor foi mesmo o Luís Gonzaga.

Ao mesmo tempo que ouvia o que Lucas dizia, Francisca teve a impressão de que ele não se encontrava ali. Parecia ausentar-se, como se o motivo da preocupação o transportasse para outro lugar, bem distante. Estava agora deitado de costas, olhando para o teto de tábuas velhas e escuras. Francisca quis fazer novas perguntas, mas seu instinto lhe disse para aguardar.

– Gonzaga vai contar tudo – continuou o soldado, olhando para o teto, como se visse projetado ali a imagem do colega.

– Agora ele vai contar tudo, tenho certeza. Estamos em perigo...

Francisca permaneceu em silêncio, assustada.

– Precisamos antecipar o levante – prosseguiu Lucas.

A jovem encolheu as pernas, arrepiada, pois soprava o ventinho frio das noites de agosto.

Lucas repassou de memória a conversa que tivera com o ourives Luís Pires

em sua oficina, para onde se dirigira às pressas assim que soubera da prisão de Luís Gonzaga. Admirava também esse rapaz, em quem reconhecia valor e experiência. Sabia que Luís Pires, embora jovem, mantinha contato com os mais conhecidos letrados da cidade. Gostava de ouvi-lo falar sobre a revolução dos franceses, sobre o que aqueles danados dos franceses haviam feito, cortando as cabeças do rei e da rainha...



– Temos de antecipar o levante – voltou a dizer Lucas. – Não há outra saída. Encontraram muitos papéis na casa do Gonzaga, até papéis escritos em francês.

– Ele sabe francês? – admirou-se a escrava.

– Não, mas encontraram...

Encolhida na cama, a moça sentia a umidade que entrava pelas frestas da porta e das duas janelas, aumentando o medo e produzindo uma sensação esquisita na boca do estômago.

Lucas sentou-se na cama. Continuava lembrando como Pires decidira, após ouvi-lo, que só havia uma coisa a fazer: preparar o levante o quanto antes.

Estava assim, de olhos fechados, quando alguém bateu à porta, três vezes. Ele deu um salto, ficando em pé.

– É o Tobias, neguinho – acalmou-o Francisca, referindo-se ao escravo alfaiate da casa de sua senhora. – Pedi a ele que avisasse antes que fechassem a porta. É boa gente...

– Eu sei – disse Lucas. – Já falei com ele uma vez.

Francisca demonstrava sinais de que havia se contagiado pela inquietação do companheiro. Sentindo o medo que a dominava, Lucas a segurou pelos ombros:

– Isso tudo vai acabar um dia, Chica. Você vai ser livre, eu vou ser promovido no regimento. Todos terão os mesmos direitos, sejam brancos, negros ou pardos. Não vai ser como hoje, com essas perseguições todas. E você vai ser livre!

– É bom ouvir você falar assim... – respondeu Francisca, tentando esboçar um sorriso.

Lucas abriu a porta. O Largo do Cruzeiro de São Francisco estava coberto pela escuridão. A jovem correu de uma porta para a outra e subiu descalça a escadaria do sobrado ao lado. Lucas apenas olhava, pensando o quanto ela era bonita e esperta. Fechou a porta e voltou para a cama.

Passaram-se alguns instantes até que conseguisse pegar no sono. De repente, gritos estridentes quebraram o silêncio da noite:

– Viva a liberdade!

– Viva Napoleão!

– Viva a França!

De um salto, sentou-se na cama, ofegante; passou a mão pela testa suada e aguçou o ouvido... Não voltou a ouvir mais nada. Deitou-se novamente, sem saber se de fato escutara aqueles gritos vindos da rua ou se tudo não passara de um sonho.

O APRENDIZ DE ALFAIATE MANUEL FAUSTINO

Manuel Faustino dos Santos Lira esperou o fim da madrugada. Não conseguira dormir, preocupado que estava com a prisão de Luís Gonzaga das Virgens, aos seus olhos um sujeito inofensivo, embora agitado, cheio de manias com religião e rezas e com o costume de ir às missas em todas as igrejas da cidade.

Manuel Faustino já estava informado a respeito de uma reunião, no sábado, no campo do Dique do Desterro. Levantou-se e olhou para o Terreiro de Jesus por uma fresta da janela. Havia um pouco de névoa e os sinos tocavam. A não ser por isso, o silêncio do lado de fora seria completo. A cidade dormia e o jovem aprendiz de alfaiate desejou estar longe dali. Nasceria no engenho Calogi e passara algum tempo na Vila de Santo Amaro da Purificação. Sentia saudades do cheiro de mel de cana, mas não do trabalho pesado na produção de açúcar. No entanto, sua madrinha quisera que ele aprendesse o ofício de alfaiate e o trouxera para Salvador, colocando-o com o mestre João de Deus, na Rua Direita do Palácio, bem no centro da cidade.



A primeira pessoa que Manuel Faustino viu ao abrir a janela foi uma escrava que cruzava o Terreiro de Jesus. Ela ia descer a Ladeira da Misericórdia para vender mingau na porta da Igreja do Corpo Santo. O padre iria beber o primeiro copo, quentinho. Manuel Faustino pensou nisso e sorriu. Gostava daquele padre,

que um dia lhe falara sobre a Bíblia e que o deixara de boca aberta com a história de Daniel na cova dos leões.

Enquanto se vestia, ouviu ruídos familiares. As escravas da cozinha preparavam o café da manhã: café com leite, cusuz de carimã, aipim, milho cozido, bolo de milho, tapioca,

travessa de canjica e mingau de milho branco. As quatro estavam entregues às panelas e ao fogão de lenha.

– É muito cedo, Manuelzinho – saudou-o Sebastiana, uma velha criada no engenho Calogi. Ela o vira nascer.

– Bênção, tia Bastiana, tenho muito o que fazer hoje...

Ela o examinou com o canto dos olhos:

– Bom... Tem mungunzá, Manuelzinho. Está do jeito que você gosta. Quer um copo?

– Quero.

– E diga: o que é tão importante para você fazer hoje?

– É coisa sobre a nossa liberdade, tia. Mas não posso falar.

A velha limpou o copo com a toalha branca e o entregou ao rapaz:

– Cuidado com essas ideias, Manuelzinho. Liberdade a gente só consegue comprando a alforria...

– É liberdade sem compra, tia. É liberdade de verdade...



Outras escravas da cozinha tinham interrompido o que faziam e acompanham o diálogo. De repente, ouviu-se um farfalhar de tecido e entrou a senhora, que sempre ia à missa das seis, mas antes costumava passar para examinar a cozinha.

– Bênção, madrinha – disse Manuel Faustino.

– Deus lhe abençoe, Manuelzinho. Já está de saída?

– Tenho o que fazer na tenda, madrinha.

A senhora olhou para aquele pardo claro, baixo, cabeça e orelhas pequenas, rosto comprido e testa estreita. Tinha o nariz afilado e boca bem formada. Estava um pouco magro. Segurando o missal com as duas mãos, e com a mantilha escura cobrindo-lhe a cabeça, observou:

– Está magrinho, Manuel. Precisa se alimentar mais. Olhe, Sebastiana, bote mais cuscuz aí para esse menino!

– É pra já, senhora...

Enquanto a senhora saía, Manuel Faustino sentou-se para comer o cuscuz de carimã. Enquanto isso, duas das escravas comentavam algo em voz baixa. Sentiu que falavam sobre ele, mas não se importou: já estava acostumado com esse tipo de coisa, como afilhado da dona da casa.

Logo em seguida, caminhou até o sobrado onde vivia Lucas Dantas. Bateu à porta.

– Não consegui dormir – foi dizendo Manuel Faustino assim que Dantas o atendeu. – Fiquei sabendo da prisão do Gonzaga...

– Como soube? Quem foi que lhe disse?

– O soldado Romão Pinheiro me contou. A notícia correu no regimento e fiquei preocupado por causa da reunião.

Lucas Dantas apanhou sobre a mesa uma bengala que estava terminando de fazer, escolheu uma lixa e, enquanto trabalhava, perguntou:

– Você pode convidar para a reunião todos os que já sabem do levante?

– Quem posso chamar?

– Quem você puder achar da nossa gente: soldados, pescadores, o que for. Precisamos reunir uns oitenta.

– Será suficiente? – duvidou Manuel.

– Há muito mais gente preparada, mas, para começar, está bom – assegurou Lucas.

Parecendo indeciso, Manuel Faustino abriu a porta e viu as pessoas que passavam pelo Largo do Cruzeiro indo para a missa. Sentiu-se pesado e indisposto. Talvez fosse a noite sem dormir, pensou, ou então o cuscuz que acabara de comer com tanta pressa que mal sentira o gosto. Despediu-se e saiu andando na direção da Rua do Bispo.

A PREPARAÇÃO DO LEVANTE

Oitenta homens. Lucas Dantas previra a participação de oitenta partidários. Quando Manuel Faustino fazia suas contas não conseguia chegar a dez. Desde que Lucas lhe falara abertamente sobre o levante, ele já conversara com várias pessoas, a maioria escravos. A sua dúvida era a mesma de muitos outros: a possibilidade de pardos forros ou escravos se unirem a soldados e oficiais dos regimentos pagos para um levante contra o poder da rainha portuguesa Maria I.

Parado na esquina da Sé com a Ladeira da Misericórdia, Manuel tinha esperança de que comparecessem muitos militares, descontentes que estavam com os soldos e com os obstáculos impostos aos mulatos na ascensão de cargos. Lucas e Luís Gonzaga haviam lhe falado muito sobre isso.

– Manuel! – chamou, de repente, um pequeno moleque escravo, puxando-o pelo casaco. Divertido com o susto que acabara de provocar, ele saiu pulando, às gargalhadas.

Manuel Faustino desceu a Ladeira do Pau da Bandeira e chegou à Conceição.

Observava o movimento das pessoas que se dirigiam para a área do Comércio, situada logo ali, na Cidade Baixa. Na Ladeira da Preguiça, decidiu descansar, procurando sombra.

Calculou que deveriam ser oito horas.

Margeou a praia em direção ao solar onde residia o Secretário do Estado do Brasil e da Guerra: pretendia procurar um escravo que era alfaiate da casa. Na parte térrea à esquerda da entrada, numa sala pequena, de cujas janelas se ouvia o mar batendo forte, estava o alfaiate costurando a manga de um casaco de casemira.

– Manuelzinho! – disse ele, espetando a agulha no pano grosso. – Aqui a esta hora? Aconteceu alguma coisa?

– Tem reunião sábado no campo do Dique do Desterro – Manuel Faustino foi dizendo, sem rodeios.

– Para quê?

– Para sabermos com quantas pessoas poderemos contar.

O outro costurou alguns pontos em silêncio. Era um pardo bem falante. Sabia ler e escrever e era dado a contar casos longos e muito enroscados, que ninguém sabia dizer se eram verdadeiros ou falsos. Vestia-se com certa elegância e vivia como se fosse livre. O senhor o deixava aproveitar as sobras dos tecidos e, como somente calçava sapatos com fivelas, de fato não parecia escravo. Além disso, sempre carregava algumas patacas nos bolsos, ganhas com trabalhos extras e outros serviços não

comunicados ao seu senhor. Diziam que ajudava a vender escravos. – Está bem, eu vou – disse ele, de repente. – Quem mais vai aparecer?

– Só gente de confiança. Alguns você já conhece.

– Quem, por exemplo?

– O Romão Pinheiro. Já está quase convencido... E deve levar mais gente do regimento com ele.

– Sei quem é. É jovem como você, e deve ajudar. Não é bom alfaiate, mas vamos precisar dele só como soldado...

Manuel Faustino forçou um sorriso enquanto o outro continuou:

– Mas, e os franceses? Aquela esquadra que o

cirurgião Baratinha vivia dizendo que logo iria desembarcar no porto?

– Ele garantiu que vem com Napoleão Bonaparte à frente...

– Está certo. Então sábado à noite nos encontramos lá no Terreiro de Jesus, na porta do sobrado.

Manuel Faustino despediu-se e saiu do solar. Começou o caminho de volta para o centro da cidade. Ao passar pelo Trapiche da Gamboa, aspirou o forte cheiro de açúcar misturado com o aroma também doce do fumo. Imensas pilhas de caixas aguardavam ali a partida dos navios que logo cruzariam o mar até Lisboa.

A DELAÇÃO

João de Deus do Nascimento entrou na Rua do Corpo Santo. Procurava o barbeiro Joaquim José de Santana, capitão da milícia dos negros. Por toda a cidade comentava-se a iniciativa do governador dom Fernando, que pretendia colocar um sargento branco no comando dessa milícia.

Sem se importar com os fregueses que estavam no salão de Santana, João de Deus foi logo dizendo:

– Isso é um desaforo, capitão! Uma vergonha! Quando nós conseguirmos a liberdade, você será feito coronel!

João de Deus era filho de homem branco com parda clara. Usava barba fechada e tinha nariz afilado sobre boca pequena. Era conhecido na cidade por causa da sua arrogância e pela disposição eterna para brigar. Tinha sempre resposta para tudo e para todos. Com fama de ser o melhor alfaiate militar da cidade, os oficiais dos regimentos pagos lhe davam preferência e não saíam de sua tenda.

– Vamos nos encontrar no campo do Dique do Desterro – disse ele. – Calculo que já temos uns trezentos partidários. Dali vamos arrancar o Luís Gonzaga da cadeia.

– Já está tudo confirmado? – quis saber Santana.

– Às sete horas, sábado – informou João de Deus.

– Já estou avisado.

– E sabe a novidade?

– Diga.

Olhando para os fregueses que esperavam sua vez, o alfaiate diminuiu a voz para dizer:

– Os franceses vão nos ajudar. Já estão com uma esquadra no mar, esperando o momento mais propício.

– Quem disse? – perguntou, desconfiado, o barbeiro.

– O cirurgião Baratinha.

Depois que fechou o salão, Santana saiu caminhando devagar. Pensou que não gostava muito de João de Deus, homem que considerava orgulhoso, briguento e, ainda por cima, metido a ser branco. Gostava de se vestir de um jeito esquisito e dizia a quem perguntasse que sua roupa era francesa. Comentava sempre que o mundo inteiro iria virar um mundo francês, numa referencia à situação na França, à guerra que colocava os franceses repúblicanos contra os países monarquistas europeus. Não perdia oportunidade de elogiar o general Napoleão, conquistador da Itália.

Distraído em seus pensamentos, Santana

chegou logo a um sobrado perto da igreja de São Pedro. Bateu palmas à porta e quem abriu foi um pardo escravo sorridente. Mandou-o entrar, pois o dono da casa já estava esperando. Numa sala onde funcionava o escritório, o antigo ouvidor da comarca da Bahia, Francisco Vicente Viana, cumprimentou o barbeiro.

– Entre, Santana. Vamos ao cabelo, que hoje à noite tenho festa em casa do meu cunhado. A seguir, sentou-se numa cadeira de espaldar baixo. O barbeiro tirou um pente e passou nos cabelos precocemente grisalhos do ex-ouvidor.

– Senhor... – começou Santana, inseguro.

– Diga... O que é?

Olhando ao redor, Santana examinou se havia alguém por perto. Sentindo-se um pouco mais seguro, mas ainda com as mãos tremulas, disse:

– Quero falar uma consulta, se possível.

–Estou ouvindo... – incentivou Viana.

– Recebi um convite do alfaiate João de Deus.

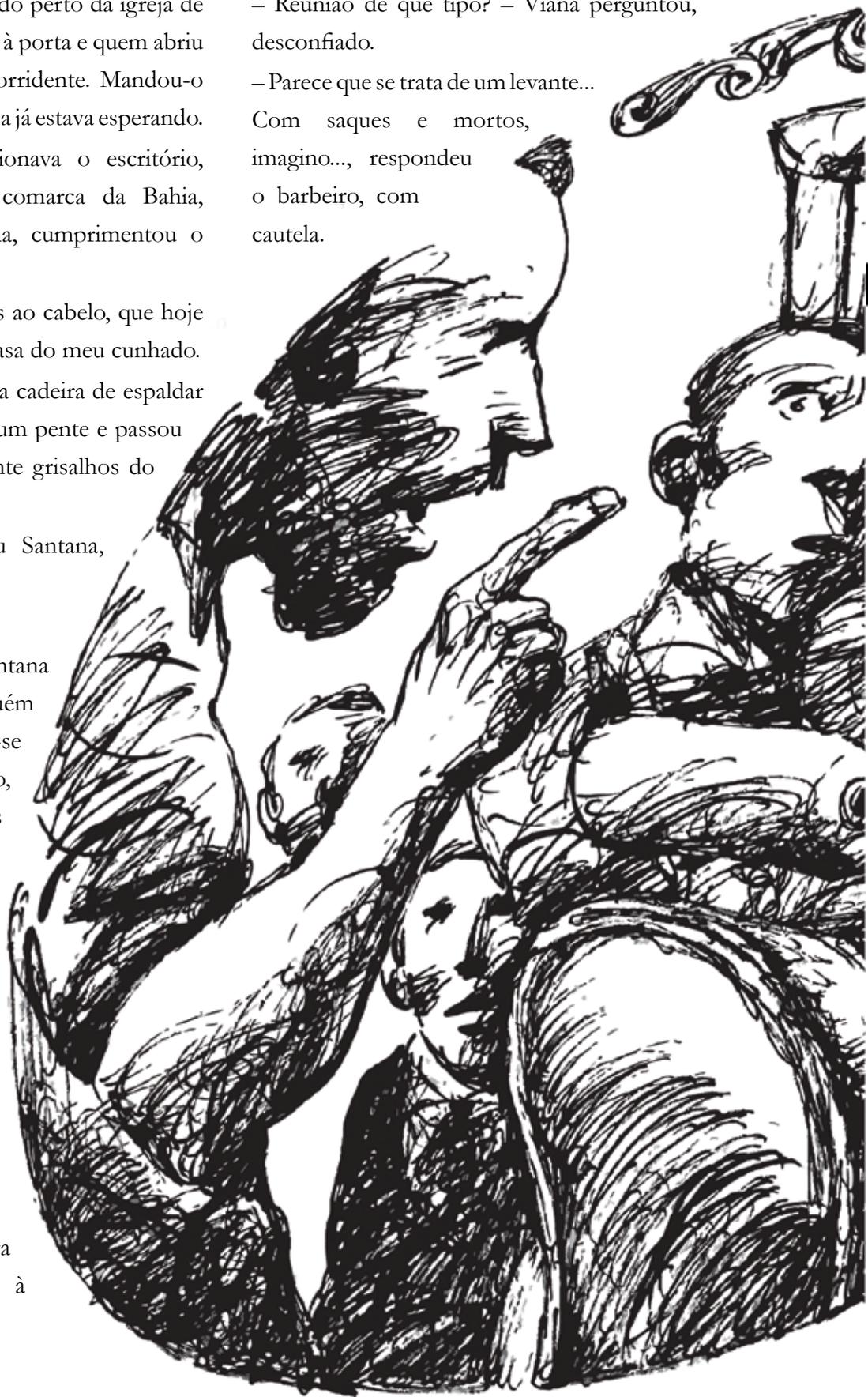
– O que esse sujeito quer de você?

– Ele me fez convite para uma reunião amanhã à noitinha.

– Reunião de que tipo? – Viana perguntou, desconfiado.

– Parece que se trata de um levante...

Com saques e mortos, imagino..., respondeu o barbeiro, com cautela.





– Você vai sair daqui neste momento e contar tudo ao senhor governador. Agora mesmo! – determinou o ex-ouvidor.

– O senhor me acompanha?

– Não é necessário. Basta falar em meu nome. Vá logo!

O barbeiro reuniu as tesouras, pentes e escovas. Colocou tudo dentro de uma caixa, despediu-se e desceu a escada. Mas não tomou a direção do Palácio. Intrigado, pensou nos motivos que tinham levado Viana a despedi-lo com tanta pressa e sem querer ir com ele até o palácio. Por que seria? Com tanta gente falando em levante, era bom considerar todas as possibilidades...

Caminhando, Santana pensava que dera muita corda a João de Deus e que logo seria um suspeito a mais, caso não fosse falar tudo o que ouvira. O perigo era muito grande, pois João de Deus deveria estar àquela altura com a língua solta. Só a informação de que ele estivera em sua tenda seria suficiente para o incriminar.

Suando muito, apesar do vento fresco, o barbeiro passou toda a noite em claro pensando no que fazer. Ao amanhecer, procurou um conhecido, que lhe sugeriu que fosse falar com o desembargador responsável pela devassa dos boletins do dia doze; era a pessoa mais indicada para a questão.

O desembargador ouviu tudo o que Santana lhe contou: que havia muitos soldados e oficiais da tropa paga envolvidos; que pessoas de grande importância estavam de acordo;

– Meu Deus!

– gritou o outro, enquanto se erguia da cadeira.

– Você tem certeza disso?

Santana respondeu:

– É a história que está correndo pela cidade... Faz algum tempo. E há muita gente envolvida...

que o levante começaria a partir da própria guarda do palácio, de madrugada; que o desembargador geral seria o primeiro a morrer porque possuía seis mil cruzados, valor fundamental para o suporte financeiro da conspiração.

Após o relato, o desembargador recomendou a Santana que fossem ao palácio falar com o governador dom Fernando José de Portugal.

Há dez anos no posto, dom Fernando gostava do poder e da administração. Ele era homem de livros e de longas conversas. Dava-se bem com os grandes comerciantes da cidade e com os plantadores de cana e de fumo do Recôncavo. Antes de mais nada, representava e cumpria as ordens da rainha Maria I de Portugal.

O governador, depois de tomar conhecimento da situação, olhou bem para o rosto de Santana e disse:

– O senhor esperou muito para vir falar comigo... Não estará implicado?

– De modo algum, Excelência! Apenas escutei esse João de Deus para colher informações. Conheço meu lugar e meus deveres – respondeu o barbeiro.

– Vou mandar verificar – disse o governador, e dirigiu-se ao desembargador: – Continue com a devassa dos panfletos. Quanto a esse capitão de milícia, mande-o para o coronel Lucena. Ele vai saber o que fazer.

Na sala de armas, Santana foi recepcionado pelo coronel Lucena, que tinha um rebenque na mão direita. Ouviu o barbeiro com expressão de quem não se espanta. Por fim, ordenou, batendo com o rebenque numa mesa:

– O senhor continue fingindo. Vá à reunião... Nós vamos estar por perto...

NO CAMPO DO DIQUE DO DESTERRO

Lucas Dantas chegou na esquina do Terreiro de Jesus com o Largo do Cruzeiro de São Francisco. Assobiou três vezes, sinal combinado com Francisca. No terceiro assobio, ela apareceu. Lucas abriu a porta do sobrado onde vivia e os dois entraram.

– O que houve, Dantinhas? Estou engomando um lençol. Não posso demorar...

– Estou indo para a reunião, Chica – avisou Lucas. – Esqueceu que hoje é sábado?

Francisca ficou olhando para ele sem dizer nada. As sombras do fim de tarde entravam no quarto. Logo os sinos iriam tocar a Ave-Maria, momento esperado por Lucas para ir ao encontro.

– Posso não voltar mais... – disse Lucas.
– Mas, aconteça o que acontecer, um dia eu volto para buscar você. Não fique com medo.



Quando os sinos das igrejas de São Domingos, de São Francisco e dos jesuítas começaram a tocar, ambos os corações dispararam. Lucas abraçou a jovem e olhou para aquele rosto, para aquele sorriso que ele achava o mais lindo da Cidade do Salvador.

– Não há de ser nada... – consolou o rapaz, vendo os olhos de Chica se encherem de lágrimas.

– Prometo: se a reunião fracassar, eu deserto da tropa e vou para Itabaiana, para a casa do

Lucas Dantas dirigiu-se para o Canto do Peixe. Ali, um soldado, português e branco, passou a acompanhá-lo em silêncio, como se tivesse combinado encontro. No dique do Desterro, Lucas viu Luís Pires, o ourives, com outro homem. Fazia um belo luar. Luís Pires estava com um casaco marrom, calção de ganga amarela, meias brancas e sapatos de fivela. Usava um chapéu de copa alta. O outro, que Lucas não conhecia, tinha roupas semelhantes e igualmente um chapéu de copa alta. Estavam ao lado do convento do Desterro.



meu irmão. E, quando tudo se acalmar, volto para lhe buscar.

Francisca não conseguia falar, apenas abraçou Lucas com força. A seguir, os dois saíram. Ela, como fazia nos últimos tempos, pulou de uma porta para a outra e subiu correndo a escada do sobrado de sua senhora, que já começava a gritar o seu nome.

– Quantos homens teremos, amigo Lucas? – foi logo indagando Luís Pires.

– Uns oitenta – respondeu, um tanto vacilante. Conversando amenidades, os quatro dirigiram-se ao campo do Dique do Desterro, lugar alto e plano de onde se podia ver a lagoa de águas escuras que chamavam de Dique, acreditando muita gente que era uma herança do tempo em

que os holandeses ocuparam a cidade. Outros afirmavam ser lago natural, sempre existira ali, como os pântanos das Quintas dos Padres Jesuítas.

A luz neutra da lua revelava nitidamente as formas de coisas e pessoas. De repente, eles perceberam a presença do coronel Lucena, em companhia de dois escravos. Tentavam disfarçar-se em meio à vegetação próxima, mas os vultos ficavam visíveis. Luís Pires puxou duas pistolas.

– Não seja louco, Luís! – gritou o homem que estava com ele, impedindo-o de apertar os gatilhos.

Lucas Dantas também segurou o braço do amigo, dizendo:

– Alguém nos traiu, Luís! – Vamos voltar ao Desterro. Precisamos avisar nossos amigos agora mesmo!

Contrariado, ainda resistindo, Luís Pires guardou as armas. Recuaram para a trilha que conduzia à calçada do convento do Desterro. Nesse instante, ouviram alguns assobios e viram outros vultos se movimentando. Logo reconheceram o barbeiro Santana, que fingia estar tão surpreso quanto eles, além de João de Deus, e se acalmaram.

– Devia ter atirado... Era tiro certo bem no meio da testa do coronel – disse Luís Pires.

– Era tiro perdido – disse Lucas Dantas.

Depois de trocarem palavras rápidas, trataram

de se espalhar. Se não tivessem reconhecido o coronel, dezenas de soldados e escravos emboscados cairiam sobre os conspiradores, aprisionando a todos.

Lucas correu para a Rua da Poeira, ladeira que levava até sua casa. Encontrou Manuel Faustino, que mal o avistou, foi logo dizendo:

– Não temos tempo a perder. Minha madrinha foi informada de que nos entregaram ao governador. Ela conseguiu uma canoa para nos levar até o Cais Novo.

– Só tenho duzentos Réis comigo – avisou Lucas.

– Não importa. É melhor ir andando...

Na manhã do dia seguinte começaram as prisões. Logo cedo, João de Deus foi preso em sua tenda. O mesmo aconteceu com vários suspeitos. A caçada se estendeu a todo o Recôncavo baiano. Lucas e Manuel Faustino ocultaram-se na mata próxima de engenhos dos arredores e se preparavam para viajar até Itabaiana quando foram apanhados. Lucas reagiu e lutou, mas acabou com vários cortes na cabeça, no rosto e nos braços.

Em poucos dias, todos os principais envolvidos estavam na prisão. Desde gente de certa expressão, como o cirurgião Cipriano Barata, até simples aprendiz de alfaiate, como Manuel Faustino. Quem teve oportunidade, desapareceu, como o ourives Luís Pires, de quem não mais se ouviu falar.

A DEFESA DOS ACUSADOS

Passaram alguns meses. Numa manhã chuvosa de março de 1799, Francisco Agostinho Gomes bateu à porta do bacharel José Barbosa de Oliveira. Rico comerciante, Francisco Agostinho Gomes herdara do seu pai uma próspera casa de importação e exportação, além de um trapiche. Era, no entanto, mais conhecido por sua cultura. Além de falar inglês e francês, possuía a biblioteca mais completa da cidade, elogiada até por estrangeiros de passagem. Dava-se bem com o governador, com quem costumava conversar longamente a respeito de livros e negócios.

Ainda jovem, Francisco Agostinho Gomes deixara a Bahia para estudar teologia em Lisboa, atendendo à vontade dos pais. Não tinha qualquer vocação religiosa. Quando retornou a Salvador, decisão tomada ao ser comunicado da morte do pai, desembarcou com um documento assinado pela própria rainha Maria I que o suspendia das Ordens. A partir de então, dedicara-se ao comércio, embora também para isso não tivesse a menor inclinação. Continuava a usar batina sem que ninguém entendesse a razão.

Francisco Agostinho Gomes esperou um pouco na ampla sala de visitas até que o dono da casa surgiu:

– Padre Agostinho! A que devo a honra de sua visita?

Francisco Agostinho Gomes acolheu as mãos estendidas de José Barbosa de Oliveira e, depois de uma rápida troca de cumprimentos e amabilidades, comunicou, enquanto se sentava numa cômoda conversadeira de três lugares:

– Os irmãos da Santa Casa de Misericórdia escolheram o senhor para defender os presos acusados de levante.

– Questão de caridade, apenas, imagino... – disse o bacharel.

– Certamente – confirmou Francisco Agostinho Gomes.

– Essa é uma questão muito complicada. Mas já esperava ser chamado... – suspirou José Barbosa de Oliveira, de cabeça baixa.

– O senhor sabe, e nós também, das dificuldades, mas temos amigos entre os presos e devemos defendê-los.

Ainda de cabeça inclinada, o bacharel parecia meditar. Passado um instante de silêncio, perguntou:

– O que estão achando os Irmãos? Devemos defender todos?

– Todos os acusados.

– Entendo. Não poderia ser de outro modo.

Mas parece que há alguns condenados...

- O mestre alfaiate João de Deus – lembrou Gomes.
- Esse aí falava demais – comentou Barbosa de Oliveira.
- O menino Manuel Faustino.
- É uma pena...

– Os soldados Lucas Dantas, Romão Pinheiro, Luís Gonzaga... O governador está convencido de que Gonzaga foi o autor dos boletins que espalharam no dia 12 de agosto. Eu tenho minhas dúvidas. Mas o pior de tudo, o maior erro, foi valorizar tanto o falatório. Houve muita conversa, pouco recato. Conversa em voz alta sobre a construção de uma república democrática, queixas contra o excesso de tributos, contra baixos soldos...

O outro ouvia sem nada dizer, quando entrou um escravo com uma bandeja e pratinhos. Serviu bolo de tapioca e café. Francisco Agostinho Gomes escolheu uma xícara e cortou uma fatia do bolo, colocando-a no prato de louça inglesa.



Experimentou o café e estalou a língua:

– Está ótimo, Barbosa.

Sorveram o café e Francisco Agostinho Gomes, depois de olhar maravilhado para o belo espelho que os refletia, mudou de assunto:

– Seu filho ainda está em Lisboa?

– Espero que esteja. Nestes tempos de falta de navios, as cartas estão demorando muito. Veja o senhor, a última foi em novembro, já são quatro meses... Nessa ocasião falava-se muito em Lisboa sobre os jacobinos da Bahia, os homens que queriam abrir os portos do Brasil para o comércio com todos os povos, principalmente com os franceses.

– Andaram circulando muitas inverdades em Portugal. Numa carta enviada para lá, chegaram a dizer que andei homenageando oficiais franceses e que ainda preparei um grande almoço de carne em plena quaresma! Logo eu, um religioso! – comentou, indignado.

– Um absurdo, com certeza – apoiou o bacharel.

– Em todo caso – continuou Francisco Agostinho Gomes –, foi isso que produziu aquela carta da própria rainha Maria I advertindo o governador da capitania. Ele me mostrou a carta, sabia? Foi muito gentil nisso. Afirmou que as terríveis circunstâncias

o levaram a fazer novas prisões...

– Como a do cirurgião Cipriano Barata...

– E outras pessoas de destaque: professores, oficiais... Gente que não pode ser tratada como qualquer um.

José Barbosa de Oliveira levantou-se e andou um pouco pela sala com expressão concentrada. Depois de alguns momentos, respirou fundo e disse:

– Está bem, aceito. Aceito a missão que a Santa Casa de Misericórdia está me entregando. Vou requerer os autos, ler e examinar toda a papelada. É o procedimento corriqueiro. Depois cuido da defesa, isso deve levar um mês ou mais. Garanto que farei de tudo para ajudar nossos amigos. Tenho pensado muito nisso ultimamente. Não se pode condenar tantas pessoas ignorantes, alguns de menor idade, outros escravos, sem sabedoria para conhecer a fundo o peso e a gravidade do delito.

Francisco Agostinho Gomes apertou com força a mão do bacharel, encerrando a conversa. Um escravo da casa o acompanhou até que descesse a escada. Ao chegar à rua, orientou-se e tomou o rumo da Igreja da Ajuda. Olhou para o céu e falou baixinho:

– Vem mais chuva pesada por aí.

AS CONDENAÇÕES

No começo de novembro, cinco presos foram transferidos dos calabouços onde se encontravam fazia mais de um ano. Sob escolta, saíram da escuridão para os cubículos dos condenados à morte. Ficariam ao lado do Oratório, na parte alta do velho prédio da Câmara. Subiram escadas estreitas, conduzidos de uma área mal iluminada e sufocante, suja e fétida, para a que era considerada a melhor cadeia da cidade. Chegar até ali significava que os recursos apresentados pelo bacharel José Barbosa de Oliveira haviam sido negados pelos desembargadores e que eles iriam morrer na forca. Luís Pires, foragido, também recebera a mesma sentença, podendo ser morto por qualquer pessoa que o encontrasse.

Esses cinco presos eram os soldados Luís Gonzaga, o primeiro de todos a ser preso, acusado de ser o autor dos boletins, Lucas Dantas e Romão Pinheiro; o mestre alfaiate João de Deus do Nascimento e o aprendiz Manuel Faustino dos Santos Lira. Estavam nos calabouços fazia quatorze meses, alimentados apenas com pedaços de carne-seca e farinha, em meio à sujeira e ao mau cheiro, pressionados por interrogatórios e acareações. O resultado era um grupo de homens com as cabeças confusas e os corpos degradados.

No novo local havia luz e brisa. Se pudessem olhar pelas aberturas da prisão, os presos poderiam ver partes da Cidade Baixa e da Santa Casa. O belo Forte do Mar se destacava na baía de Todos os Santos e ao longe via-se o recorte da ilha de Itaparica.

Dois padres e dois frades entraram na cadeia. Um deles, o frei carmelita José do Monte Carmelo, abençoou-os e disse:

– O bacharel José Barbosa de Oliveira já deu entrada a um novo embargo, para tentar impedir a execução da sentença.

Lucas Dantas ouviu e se afastou para um canto da cela. Frei José aproximou-se dele. Lucas o olhou de relance, franzindo a testa, onde agora ostentava uma feia cicatriz, resultado de uma das cutiladas ao ser preso no sertão.

– Sou amigo – avisou frei José.

Um barulho surdo interrompeu o começo de conversa. Depois, outro golpe: Luís Gonzaga batia a cabeça contra a parede com toda força.

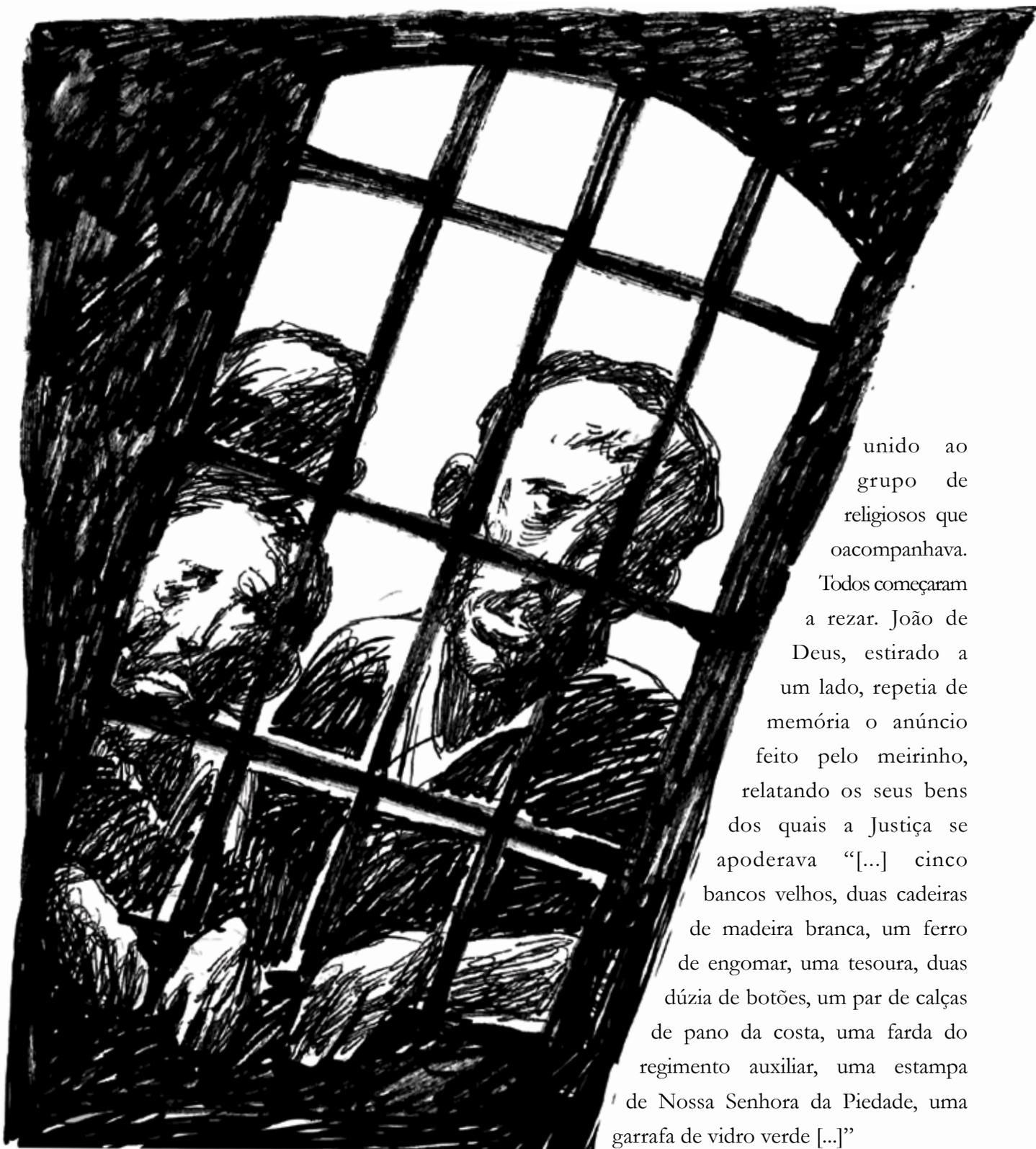
– Não faça isso, filho...

– Preciso de castigo, padre. Castigo de Deus

– repetia Gonzaga, com os olhos arregalados.

– Deus não castiga... Deus entende e perdoa.

Abra seu coração – aconselhou frei José. O religioso dirigiu-se a Manuel Faustino. Antes que fizesse qualquer pergunta, o frade já havia se



unido ao grupo de religiosos que o acompanhava. Todos começaram a rezar. João de Deus, estirado a um lado, repetia de memória o anúncio feito pelo meirinho, relatando os seus bens dos quais a Justiça se apoderava “[...] cinco bancos velhos, duas cadeiras de madeira branca, um ferro de engomar, uma tesoura, duas dúzia de botões, um par de calças de pano da costa, uma farda do regimento auxiliar, uma estampa de Nossa Senhora da Piedade, uma garrafa de vidro verde [...]”

Enquanto isso, apressando os passos para chegar ao cartório da Ouvidoria antes das cinco horas, o bacharel José Barbosa de Oliveira quase perdia o fôlego. Entrou no cartório, numa última tentativa de impedir o enforcamento, já marcado para o dia seguinte. Ao vê-lo, o escrivão levantou-se de sua cadeira alta segurando um papel meio amassado nas mãos. Os escreventes tinham saído.

– O Tribunal negou o embargo – anunciou secamente o escrivão.

O bacharel segurou firmemente o encosto da cadeira mais próxima. A emoção e o cansaço sufocavam-lhe a voz, mas conseguiu dizer:

– Eles são inocentes, meu Deus!

O outro não respondeu. José Barbosa de Oliveira aspirou o ar com força, como se os seus pulmões estivessem secos:

– Sem armas não podiam cometer insurreição. É básico, meu amigo, é básico! Não se pode caracterizar o crime de lesa-majestade!

– Não dei sentença, bacharel Barbosa – replicou o escrivão. – Mas, olhe, o Tribunal modificou a pena de morte de Romão Pinheiro, considerando que ele não teria sido um dos líderes do movimento. Ele vai ser deportado para a África.

– Coitado – disse o bacharel. – Apenas deportado... O que ele tem a ver com a África? É brasileiro e nasceu livre...

Sentiu que a tristeza que o vinha perseguindo

fazia tanto tempo finalmente o vencera.

– E o que mais decidiram? – teve ânimo para perguntar.

O escrivão alisou o papel que segurava:

– Foram reduzidas algumas penas de prisão como a do cirurgião Barata, o falador. Vários homens serão banidos da Bahia, além disso.

– Então quer dizer que os que estão no Oratório...

– Está confirmada a execução da sentença para amanhã, bacharel. O governador saiu da cidade, mas providenciou tudo que será necessário.

José Barbosa de Oliveira permaneceu em silêncio, olhando para um ponto distante. O outro começou a mover-se, indicando que iria fechar o Cartório:

– Passe bem, bacharel.

Quase se arrastando, José Barbosa de Oliveira saiu e sentiu-se tomado pela violenta beleza de um crepúsculo que tingia com a cor de sangue o horizonte. Os últimos raios de sol estendiam-se como um tapete encarnado sobre a Ilha de Itaparica, e o bacharel pensou, como se rezasse: “Deus, meu Deus! Como vossa obra é grande, é bela, mas será possível entender a obra dos homens? A justiça dos homens? O que vem a ser justiça, meu Deus?”

O dia terminava. Decidiu ir até a Sé; ali havia um banco onde sempre costumava descansar e meditar.

O DIA DAS EXECUÇÕES

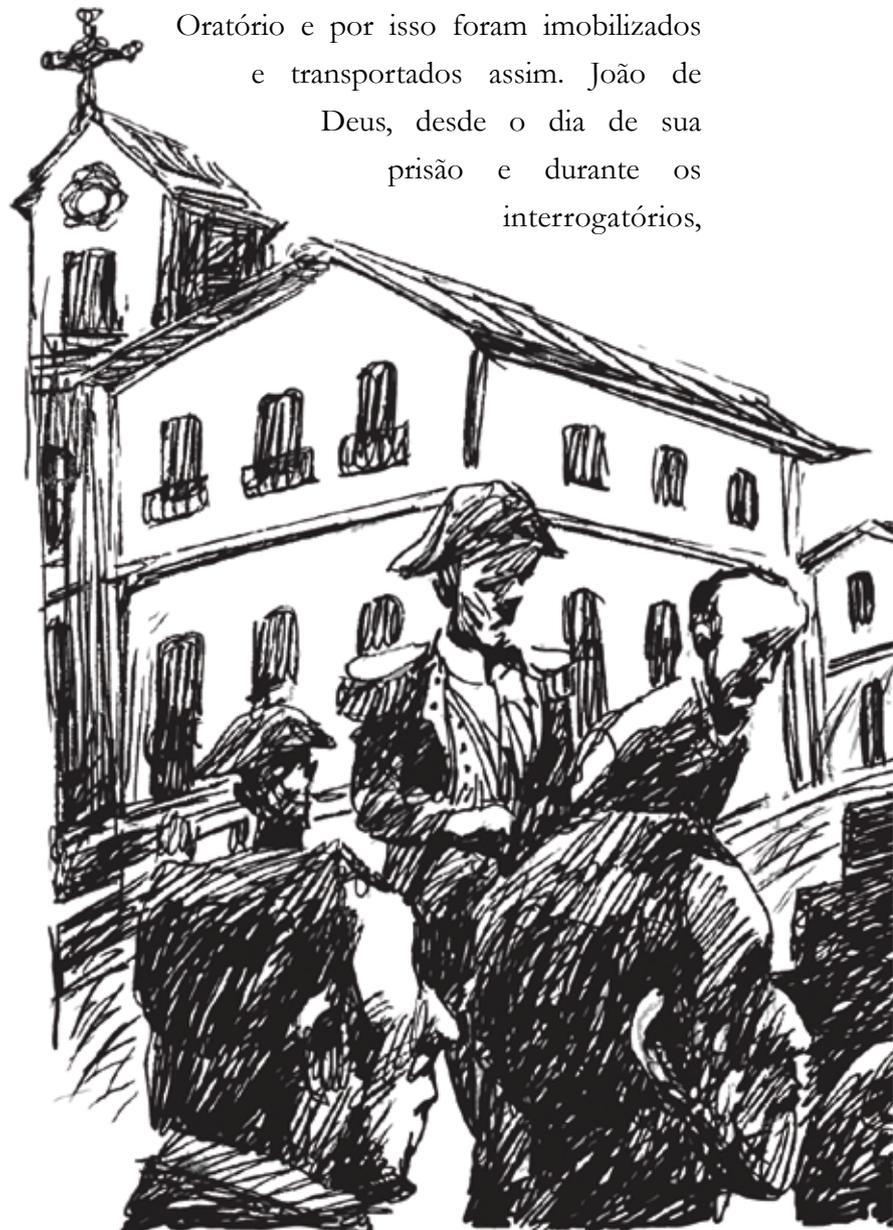
Fez-se a derradeira noite dos condenados. Rezando sempre, os dois frades e os dois padres se mantiveram despertos.

Quando chegaram as primeiras luzes do dia, uma escolta entrou para levar Romão Pinheiro. Ele iria ser açoitado no Largo do Pelourinho e depois conduzido para ver de perto o enforcamento e o esquartejamento dos condenados. Somente então é que seria levado ao porto, onde esperaria o embarque num navio que o deixaria na costa ocidental africana, em território fora dos domínios de Portugal.

Quando Romão Pinheiro foi levado, o sol já tirava tons de azul dourado da face calma do mar da Bahia.

Às nove da manhã um sinistro cortejo saiu. A praça estava vazia. Entre alas de soldados, padres e frades, caminhava à frente o jovem aprendiz de alfaiate Manuel Faustino. Descalço, torso nu, calção de ganga, correntes nos pés. Andava devagar e precisava medir cada passo. Depois, vinha Lucas Dantas, igualmente descalço, de tronco nu e vestindo calção escuro, correntes nos pés. Tinha postura de soldado e andava como se marchasse.

João de Deus e Luís Gonzaga estavam maniatados a grilhões presos aos encostos das cadeiras onde eram levados. Ambos haviam se comportado como loucos na saída do Oratório e por isso foram imobilizados e transportados assim. João de Deus, desde o dia de sua prisão e durante os interrogatórios,



havia tentado o recurso de passar-se por demente. Tudo que fazia repetia: “muita gente” e “minha mulher”.

Os sinos das igrejas badalavam sem parar. Em cada igreja se rezava uma missa. O cortejo desceu para a Rua de São Bento.

No Largo da Palma, um cego percebeu que algo estranho estava acontecendo, ergueu-se dos degraus da igreja e começou a andar na direção da Mouraria. Às pessoas que sentia passar perto, ele perguntava:

– O que há? O que está acontecendo?

– Vão inaugurar a forca nova – respondiam alguns.

Quando os prisioneiros foram retirados da prisão, a manhã avançava e nuvens começavam a formar um teto baixo e turvo. Na Praça da Piedade, o cortejo se deteve enquanto os soldados formavam um quadrado. Deixaram somente uma passagem, pela qual se adiantaram os padres, os frades, os condenados e os soldados que os escoltavam. Em seguida, o quadrado se fechou.



A movimentação das pessoas ao redor dos soldados, dos religiosos, dos homens de Justiça e dos prisioneiros era muito grande. Nas janelas das casas situadas no trajeto, as pessoas comprimiam-se para ver melhor. Muitas varandas de casas ricas estavam ornamentadas. Chegara o momento final. Os tambores e cornetas abafaram o som dos sinos. Manuel Faustino foi carregado por quatro soldados e levado ao patíbulo. Com o rosto coberto, o carrasco já esperava no alto. Tinha o laço aberto nas mãos. Um soldado cobriu o rosto de Manuel Faustino. Tudo foi muito rápido. Com as pernas fortemente amaradas, o aprendiz de alfaiate foi posto sobre o alçapão. Quando o carrasco soltou o mecanismo, o corpo caiu e ficou balançando.

Lucas Dantas foi o seguinte. De costas para a forca, os soldados apontavam para o povo as armas preparadas. Tinham ordens expressas de atirar ao primeiro movimento.

– Dantinhas! – gritou Francisca no meio da multidão. Teria sido a última coisa que Lucas escutou.

Quando chegou a vez de Luís Gonzaga, ele pediu para se confessar, o que foi permitido pelo juiz que presidia a execução. Do alto do patíbulo, com os braços e as pernas amarrados, Luís Gonzaga emitiu algumas frases e palavras incompreensíveis. Falava alto, mas não se

podia compreender o que dizia. Quem estava mais perto da forca diria depois que ele repetiu muitas vezes a palavra pecado, misturada com os nomes de Voltaire e Rousseau. Mais tarde, um religioso presente à execução, frei José de Monte Carmelo, afirmou que ouvira falar de Calvino, o reformista.

O alfaiate João de Deus foi o último. “Seja o que Deus quiser fazer do meu corpo e de minha alma” foram as suas palavras derradeiras, ouvidas por muita gente. Às três da tarde, com o sol batendo na fachada da igreja de São Pedro, o carrasco pulou do patíbulo e com um machado reluzente cortou em pedaços os corpos de todos os enforcados. As pessoas começaram a se dispersar.

A cabeça de Lucas Dantas foi espetada na esquina do Desterro. A de Manuel Faustino, no Largo do Cruzeiro de São Francisco. A de João de Deus, na Rua Direita do Palácio. A cabeça de Luís Gonzaga, bem como suas as mãos, ficou pendurada na forca. No quinto dia de exposição desses restos, o ar respirado na cidade tornou-se insuportável e o céu se encheu de urubus. Os irmãos da Santa Casa e autoridades médicas intervieram junto ao governador dom Fernando, que deu permissão para que os enterrassem em lugar que jamais fosse identificado.

O SEDICIOSOS

Os representantes da camada alta da sociedade baiana sentiam desde a década de setenta do século XVIII os reflexos de uma situação econômica que não era mais a mesma de meados do século, quando a cidade ainda era capital do vice-reino. Os grandes comerciantes, os donos de engenho e plantadores não podiam ficar imunes às ideias liberais que vinham da Europa, em pleno “Século das Luzes”.

A partir de 1790, começaram a voltar para Salvador jovens pertencentes a essa elite local. Tinham concluído cursos de Direito na Universidade de Coimbra. Na bagagem, além de livros e diplomas, traziam novas ideias da Revolução Francesa.

Ao chegar na Bahia, eles passam a falar em liberdade e igualdade para todos, criticam o poder absoluto exercido pela monarquia portuguesa e a dependência da Bahia em relação a Portugal, exigindo o livre comércio com navios de qualquer origem e não apenas de Portugal.

Essas novas ideias, aliadas ao descontentamento crescente das camadas mais ricas com os altos impostos e da maior parte da população com o racismo (mulatos, unicamente por causa da cor, não conseguiam promoções para o oficialato do Exército ou para a administração pública) e com as suas precárias condições de

vida, logo se transformaram em matéria prima para a conspiração (1798).

Pessoas de várias origens sociais apoiaram a tentativa de livrar a Bahia de Portugal: soldados, advogados, alfaiates, artesãos, escravos (dos onze escravos que acabaram presos, cinco tinham ofício: um cabeleireiro, um sapateiro e três alfaiates, os demais eram escravos domésticos). As primeiras reuniões dos conspiradores tiveram lugar na Barra, na época uma colônia de pescadores, distante do centro de Salvador. As ideias revolucionárias francesas já circulavam entre os participantes: liberdade e igualdade perante a lei, sem discriminação de origem social ou cor de pele; formação de uma república democrática independente, comércio livre através da abertura do porto de Salvador a navios de todos os países.

Apesar do grande número de adesões, a conspiração foi denunciada às autoridades e abortada, gerando violenta repressão por parte do governo colonial.

Um reforço para aqueles baianos que pretendiam livrar-se do domínio português parece ter sido a maçonaria, sociedade secreta, de inspiração liberal e fins filantrópicos. Muitos historiadores falam da existência de uma organização maçônica em Salvador no fim do século XVIII: os Cavalheiros da Luz.

No processo movido pela justiça colonial lusitana em 1798 contra a conspiração não há qualquer referência à maçonaria. No entanto, há indícios de que alguns dos conspiradores se envolveram com essa organização após a visita ao Brasil do capitão da marinha francesa Antoine René Larcher, ligado à maçonaria, em fins de 1796. Outros retornaram da Europa maçons, nos exemplos de Domingos Borges de Barros e dos seu primo José Borges de Barros. Existe o relato do inglês Thomas Lindley, que em seu livro de viagem conta como escapou da prisão em Salvador no ano de 1803 auxiliados por maçons. Ele fala de um rico comerciante que pode ter sido o negreiro, exportador e importador Antonio da Silva Lisboa, o mesmo homem que em 1799 foi suspeito de ter ajudado a fuga de um partidário do movimento baiano de 1798.

De qualquer forma, é certo que a maçonaria estaria presente dali em diante em grande parte dos mais importantes movimentos políticos brasileiros inspirados no liberalismo.

De acordo com o trabalho do escrivão que procedeu à identificação dos presos, eles apresentavam as seguintes características:

Lucas Dantas de Amorim Torres

“Rosto comprido, testa alta, olhos pequenos e pretos, sobrancelhas pretas e finas, nariz

afilado, boca pequena, lábios grossos [...] com camisa de Bretanha [tecido de algodão], calções de pano azul sem meias e só com sapatos com fivelas”.

Luís Gonzaga das Virgens

“Rosto comprido, orelhas grandes, testa alta, olhos pretos, sobrancelhas pretas e finas, nariz afilado, boca rasgada, lábios grossos e barba fechada [...] de camisa de Bretanha e ceroulas de pano de linho, embrulhado com cazuzê [espécie de casaco] de pano azul, calçado somente com sapatos que tem fivelas”.

Manuel Faustino dos Santos Lira

“Pardo claro, de baixa estatura, seco de corpo [...] orelhas pequenas, rosto comprido, testa curta, sobrancelhas finas, olhos pardos, nariz afilado, boca pequena sem ponto de barba, com sinais de bexiga pelo rosto [...] com camisa de Bretanha, embrulhado num cazuzê de beatão [tecido rústico de lã]”.

João de Deus Nascimento

“Homem pardo claro de ordinária estatura, cheio de corpo, tem cabeça redonda [...] orelhas pequenas, rosto comprido, testa alta, olhos pretos e pequenos, nariz afilado, boca pequena e barba cerrada”.

LIVROS E PANFLETOS

Os livros tiveram papel de destaque no episódio da Sedição. Nos documentos que registram o processo que as autoridades da colônia moveram contra os conspiradores podem ser encontrados os nomes de inúmeros livros apreendidos.

Trechos traduzidos de obras em francês foram muito divulgados entre os participantes. Um desses foi o discurso proferido pelo deputado Boissy d'Anglas durante a Revolução Francesa; também mereceram atenção alguns capítulos da novela *Júlia ou a Nova Heloisa*, de Jean-Jacques Rousseau, um dos maiores pensadores franceses do século. Mas, ao que tudo indica, a inspiração dos panfletos redigidos na Bahia de 1798 foi o texto *Orador dos Estados Gerais*, de Jean Louis Carra, também participante da Revolução Francesa.

Nessa época, a mais importante biblioteca da capital baiana pertencia a Francisco Agostinho Gomes. Mais tarde ele a doaria para a criação da Livraria Pública, embrião da futura Biblioteca Pública da Bahia.

Embora fosse conhecida por visitantes estrangeiros, a biblioteca de Francisco Agostinho Gomes não foi citada no processo, o mesmo ocorrendo com outros acervos de

propriedade de pessoas igualmente envolvidas na conspiração – como Cipriano Barata. Tudo indica que as autoridades propositalmente deixaram de revistar a residência de Francisco Agostinho Gomes, que foi liberado após um rápido interrogatório.

Além dos panfletos de crítica ao governo colonial que se espalharam por Salvador naqueles derradeiros anos do século XVIII, foram muito divulgados versos à igualdade e à liberdade. Eles circularam de mão em mão entre pessoas bem situadas, soldados, artesãos e foram lidos por brancos, negros e mestiços.

As autoridades os encontraram na casa de um dos conspiradores, por sinal o primeiro a ser detido para investigações: Domingos da Silva Lisboa, a mulato nascido em Lisboa, mas residente em Salvador, onde era Procurador de Causas.

Eis os versos:

Refrão

Igualdade e liberdade
No Sacrário da razão
Ao lado da sã Justiça
Preenchem o meu coração

Décimas

1.

Se a causa motriz dos entes
Tem as mesmas sensações,
Mesmos órgãos e precisões
Dados a todos os viventes;
Se a quaisquer suficientes
Meios das necessidades
Remir deu com equidade,
Logo são imperecíveis
Igualdade e liberdade.

2.

Se este dogma for seguido
E de todos respeitado
Fará bem aventurado
Ao povo rude expoliado.
E assim que florescido
Tem da América a Nação,
Assim flutue o Pendão
Dos franceses que a imitaram
Depois que afoitos entraram
No sacrário da razão.

3.

Estes povos venturosos
Levantando os braços soltos
Desfeitos em mil pedaços
Feros grilhões vergonhosos,
Juraram viver ditosos,
Isentos de vil cobiça,
Da impostura e da preguiça
Respeitando os seus Direitos
Alegres e satisfeitos
Ao lado da sã Justiça.

4.

Quando os olhos dos baianos
Estes quadros divisarem,
E longe de si lançarem
Mil despóticos tiranos,
Quão felizes e soberanos
Nas suas terras serão!
Oh, doce comoção,
Experimentar estas venturas,
Só elas, bem que futuras,
Preenchem meu coração.

A CIDADE DA CONSPIRAÇÃO

No fim do século XVIII, Salvador tinha cerca de quarenta mil habitantes e era uma típica cidade do litoral brasileiro. Embora não fosse mais a capital do vice-reino, transferida para o Rio de Janeiro, em 1763, Salvador ainda funcionava como centro administrativo e econômico de certa importância.

Um intenso comércio se desenvolvia em seu porto, escoando a produção dos litorais norte e sul da capitania da Bahia (que incluía o atual Sergipe) e de várias localidades ribeirinhas.

Toda semana cerca de cem barcos e saveiros conduziam para a Cidade do Salvador caixas de açúcar, rolos de tabaco, sacos de café, de

mamona, além de carne, tijolos, telhas, louças vidradas, madeiras e piaçava. A Bahia ainda exportava para o resto do país couros e chifres. Em contrapartida, da Europa vinham produtos manufaturados – em especial tecidos – e da África chegavam legiões de escravos, cujo trabalho, era decisivo para toda a produção.

Com a decadência da principal atividade da região, a cana-de-açúcar, já em meados do século XVII, e com o progresso da mineração na região de Minas Gerais no século seguinte, que desviou o eixo econômico para o Rio de Janeiro, a Cidade do Salvador perderia aos poucos a importância que tivera.

CRONOLOGIA

1763 *Salvador deixa de ser a capital do vice-reino, que é transferida para o Rio de Janeiro.*

1789 *Revolução Francesa. Entre os que acompanham de perto os acontecimentos no próprio cenário está José Bonifácio de Andrada e Silva.*

1792 *Inconfidência Mineira. Depois do fracasso do movimento iniciado na cidade de Vila Rica, Tiradentes é enforcado no Rio de Janeiro. Datam desse mesmo ano as primeiras informações a respeito de reuniões de moradores letrados de Salvador que formam um círculo para a discussão das ideias revolucionárias francesas: liberdade, igualdade e fraternidade. O objetivo dos participantes dessas discussões era combater a presença colonizadora de Portugal em território brasileiro.*

1796 *Um capitão da marinha da França, Antonie René Larcher, esteve na Cidade do Salvador.*

1798 *Em 12 de agosto desse mesmo ano aparecem panfletos espalhados pela cidade de Salvador, tornando pública a existência de uma conspiração local visando a derrubada do poder colonial português.*

1799 *Prosseguem os trabalhos que levariam à condenação pela força de quatro dos participantes da Sedição. Em 8 de novembro, são enforcados Lucas Dantas de Amorim Torres, Manuel Faustino dos Santos Lira, João de Deus do Nascimento e Luís Gonzaga das Virgens e Veiga. O ourives Luís Pires, também condenado, consegue fugir, sem jamais ter sido encontrado.*

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Braz do. *A conspiração republicana da Bahia de 1798*. Salvador: Tipografia Naval, 1941. (Col. Fatos da vida do Brasil).
- BARROS, Francisco Borges de. *Os confederados do partido da liberdade*. Salvador: Imprensa Oficial, 1922.
- _____. *Primórdios das sociedades secretas na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial, 1929.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *O doutor Barata*. Salvador: Imprensa Oficial, 1938.
- LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Nacional, 1969.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798*. Bahia: Itapuã, 1969. (Col. Baiana).
- MOREL, Marco. *Cipriano Barata*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2001.
- MOTTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de inovação no Brasil: 1789-1801*. Lisboa: Horizonte, 1970.
- RUY, Affonso. *A primeira revolução social brasileira*. 2. ed. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *O movimento revolucionário baiano de 1798*. (Tese de concurso para livre-docência e doutor na FFCL da Universidade Federal da Bahia). Salvador: Imprensa Oficial, 1961.
- _____. As idéias dos revolucionários de 1798. *Os Cadernos de Cultura*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/Ministério da Educação, S. d.
- _____. *História da sedição tentada na Bahia em 1798 (a Conspiração dos Alfaiates)*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- VIANNA FILHO, Luiz. *A sabinada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia do século XVIII*. Bahia: Itapuã, 1969. (Col. Baiana).

Colofão

Formato *A4*

Fonte *Garamond e Dauphin*

Papel *Cartão Supremo 300g/m² (capa)*

Alcalino 75g/m² (miolo)

Impressão *Cian Gráfica*

Tiragem *400 exemplares*

*Todos terão os mesmos direitos,
sejam brancos, negros ou pardos.*

Lucas Dantas do Amorim Torres



ISBN 978-85-232-0997-1



9 788523 209971